



## Liderança CORPORATIVA

Ainda que as mulheres busquem aperfeiçoamento constante em suas profissões, elas são minoria nos conselhos de Administração no Brasil. Apenas 14,3% das cadeiras são ocupadas pelo público feminino, conforme dados da pesquisa Brasil Board Index 2021, realizada pela empresa de consultoria Spencer Stuart, com 211 empresas listadas da Bolsa de Valores de São Paulo.

Para o especialista em recrutamento de executivas e conselheiras na Exec, André Freire, é preciso entender as razões dessa disparidade. Ele atribui alguns motivos como a falta de equilíbrio entre vida pessoal e profissional, a falta de modelos e o preconceito inexistente. Outra possível causa para o baixo índice é a diferença de postura entre homem e mulher. “O homem vai e pede para ser promovido, já a mulher, muitas vezes, espera para ser promovida e acaba não acontecendo. As mulheres têm muito aquele questionamento ‘puxa eu não estou pronta ou será que eu vou dar conta?’”, destaca.

A desigualdade na liderança corporativa é pauta do Movimento Elas Lideram 2030, liderado pela ONU Mulheres e pelo Pacto Global da ONU Brasil. O objetivo é promover a discussão e impulsionar que mais de 1,5 mil empresas no país se comprometam a elevar aos cargos de liderança mais de 11 mil mulheres até 2030.

## Faça do currículo a sua vitrine

Em um processo seletivo você deve se destacar primeiramente no currículo, ou seja, com objetividade e estratégia. Para atrair a atenção de recrutadores, a empresa de tecnologia para recrutamento Infojobs orienta seis passos: destaque em ordem cronológica os trabalhos mais recentes na parte superior do documento; pontue as atuações relacionadas ao cargo desejado; valorize as atividades extracurriculares como cursos de idiomas, voluntariado e experiências internacionais; não coloque uma habilidade inexistente; adeque o currículo à cada vaga, mostrando suas aptidões para o cargo em questão; deixe seus dados atualizados nas plataformas de empregos.



## Mãe empreendedora

Em alguns casos a maternidade inspira mulheres a serem empreendedoras. Isso porque, conforme uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 48% das mães perdem o emprego em até dois anos após a licença-maternidade. Segundo a co-fundadora da Ayre (consultoria de comunicação e branding), Tatiana Lemos, ainda há incômodos para quem decide ser mãe. “Vivemos em um mercado de trabalho hipermasculinizado, que costuma ignorar a maternidade ou transformá-la em obstáculo, praticamente excluindo da pauta a parentalidade, ou seja, a participação masculina no âmbito familiar.

Porém, nos últimos anos, à medida que pudemos integrar a esfera da maternidade à vida profissional, com uma ajudinha da pandemia, que acelerou o processo, começamos a mexer o ponteiro e modificar essa história”, diz.



FOTOS: ADOBE STOCK